



UFCSPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DE PORTO ALEGRE

Técnico em Assuntos Educaçãoais

CONCURSO PÚBLICO Nº 01/2023

CÓD: SL-010JN-24
7908433247654

Como passar em um concurso público?

Todos nós sabemos que é um grande desafio ser aprovado em concurso público, dessa maneira é muito importante o concurseiro estar focado e determinado em seus estudos e na sua preparação. É verdade que não existe uma fórmula mágica ou uma regra de como estudar para concursos públicos, é importante cada pessoa encontrar a melhor maneira para estar otimizando sua preparação.

Algumas dicas podem sempre ajudar a elevar o nível dos estudos, criando uma motivação para estudar. Pensando nisso, a Solução preparou esta introdução com algumas dicas que irão fazer toda a diferença na sua preparação.

Então mãos à obra!

- Esteja focado em seu objetivo: É de extrema importância você estar focado em seu objetivo: a aprovação no concurso. Você vai ter que colocar em sua mente que sua prioridade é dedicar-se para a realização de seu sonho;
- Não saia atirando para todos os lados: Procure dar atenção a um concurso de cada vez, a dificuldade é muito maior quando você tenta focar em vários certames, pois as matérias das diversas áreas são diferentes. Desta forma, é importante que você defina uma área e especializando-se nela. Se for possível realize todos os concursos que saírem que englobe a mesma área;
- Defina um local, dias e horários para estudar: Uma maneira de organizar seus estudos é transformando isso em um hábito, determinado um local, os horários e dias específicos para estudar cada disciplina que irá compor o concurso. O local de estudo não pode ter uma distração com interrupções constantes, é preciso ter concentração total;
- Organização: Como dissemos anteriormente, é preciso evitar qualquer distração, suas horas de estudos são inegociáveis. É praticamente impossível passar em um concurso público se você não for uma pessoa organizada, é importante ter uma planilha contendo sua rotina diária de atividades definindo o melhor horário de estudo;
- Método de estudo: Um grande aliado para facilitar seus estudos, são os resumos. Isso irá te ajudar na hora da revisão sobre o assunto estudado. É fundamental que você inicie seus estudos antes mesmo de sair o edital, buscando editais de concursos anteriores. Busque refazer a provas dos concursos anteriores, isso irá te ajudar na preparação.
- Invista nos materiais: É essencial que você tenha um bom material voltado para concursos públicos, completo e atualizado. Esses materiais devem trazer toda a teoria do edital de uma forma didática e esquematizada, contendo exercícios para praticar. Quanto mais exercícios você realizar, melhor será sua preparação para realizar a prova do certame;
- Cuide de sua preparação: Não são só os estudos que são importantes na sua preparação, evite perder sono, isso te deixará com uma menor energia e um cérebro cansado. É preciso que você tenha uma boa noite de sono. Outro fator importante na sua preparação, é tirar ao menos 1 (um) dia na semana para descanso e lazer, renovando as energias e evitando o estresse.

A motivação é a chave do sucesso na vida dos concurseiros. Compreendemos que nem sempre é fácil, e às vezes bate aquele desânimo com vários fatores ao nosso redor. Porém tenha garra ao focar na sua aprovação no concurso público dos seus sonhos.

Como dissemos no começo, não existe uma fórmula mágica, um método infalível. O que realmente existe é a sua garra, sua dedicação e motivação para realizar o seu grande sonho de ser aprovado no concurso público. Acredite em você e no seu potencial.

A Solução tem ajudado, há mais de 36 anos, quem quer vencer a batalha do concurso público. **Vamos juntos!**

Língua Portuguesa

1. Leitura, interpretação e relação entre as ideias de textos de gêneros textuais diversos, fato e opinião, intencionalidade discursiva, análise de implícitos e subentendidos e de efeitos de sentido de acordo com José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli.....	9
2. Ideias principais e secundárias e recursos de argumentação de acordo com Eni Orlandi, Elisa Guimarães, Eneida Guimarães e Ingedore Villaça Koch.	9
3. Linguagem e comunicação: situação comunicativa, variações linguísticas.....	10
4. Gêneros e tipos textuais e intertextualidade: características e estrutura de acordo com Luiz Antônio Marcuschi.	10
5. Coesão e coerência textuais de acordo com Ingedore Villaça Koch	19
6. Léxico: significação e substituição de palavras no texto, sinônimos, antônimos, parônimos e homônimos.....	19
7. Ortografia: emprego de letras, do hífen e acentuação gráfica conforme sistema oficial vigente (inclusive Acordo Ortográfico vigente, conforme Decreto 6.583/2012) tendo como base o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e o dicionário online Aulete.	20
8. Figuras de linguagem e suas relações de sentido na construção do texto nas perspectivas de Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha e Lindley Cintra.	25
9. Fonologia: relações entre fonemas e grafias; relações entre vogais e consoantes nas perspectivas de Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha e Lindley Cintra.....	28
10. Morfologia (classes de palavras e suas flexões, significados e empregos; estrutura e formação de palavras; vozes verbais e sua conversão) nas perspectivas de Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha e Lindley Cintra.	29
11. Sintaxe (funções sintáticas e suas relações no período simples e no período composto) e tipos de sintaxe: sintaxe de colocação nas perspectivas de Evanildo Bechara e Domingos Paschoal Cegalla.....	43
12. Sintaxe de regência nominal e verbal (inclusive emprego do acento indicativo de crase) nas perspectivas de Celso Pedro Luft, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha e Lindley Cintra	44
13. Sintaxe de concordância verbal e nominal nas perspectivas de Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha e Lindley Cintra	46
14. Coordenação e subordinação: emprego de conjunções, locuções conjuntivas e pronomes relativos	48
15. Pontuação (regras e implicações de sentido) nas perspectivas de Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha e Lindley Cintra.....	51

Legislação

1. Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União (Lei nº 8.112, de 11/12/1990, com suas alterações)	59
2. Estatuto e Regimento Interno da UFCSPA.....	117
3. Estatuto Nacional da Igualdade Racial (Lei Federal nº 12.288/2010)	151
4. Constituição Federal de 1988: Dos Princípios Fundamentais (Arts. 1º ao 4º)	157
5. Constituição Federal de 1988: Dos Direitos e Garantias Fundamentais (Arts. 5º ao 17)	158
6. Constituição Federal de 1988: Da Organização do Estado (Arts. 18 ao 43)	166
7. Constituição Federal de 1988: Da organização dos Poderes (Arts. 44 ao 135)	179
8. Constituição Federal de 1988: Da Defesa do Estado e Das Instituições Democráticas (Arts. 136 ao 144).....	205
9. Constituição Federal de 1988: Da Ordem Social (Arts. 193 ao 232)	207
10. Lei Federal nº 8.429/1992 – Lei de improbidade Administrativa	221
11. Decreto nº 1.171/1994 - Aprova o Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal.....	255
12. Lei 9.784/1999 - Regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal.....	257

ÍNDICE

13. Lei Federal 13.709/2018 – Lei Geral de Proteção de Dados	274
14. Lei 11.091/2005 - Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação	287

Conhecimentos Gerais

1. PARTE 1: Cultura popular, personalidades, pontos turísticos, organização política e territorial, divisão política, regiões administrativas, regionalização do IBGE, hierarquia urbana, símbolos, estrutura dos poderes, fauna e flora locais, hidrografia e relevo, matriz produtiva, matriz energética e matriz de transporte, unidades de conservação, história e geografia do País, Estado, do Município e da região que o cerca	327
2. Tópicos atuais, internacionais, nacionais, estaduais ou locais, de diversas áreas, tais como segurança, transportes, política, economia, agricultura, sociedade, educação, saúde, cultura, tecnologia, desenvolvimento sustentável e ecologia	358
3. PARTE 2: Raciocínio lógico e matemático: proposições, conectivos, equivalência e implicação lógica de argumentos válidos	358
4. Resolução de problemas envolvendo frações.....	363
5. Conjuntos.....	364
6. Porcentagens	370
7. Sequências	372
8. PARTE 3: Tecnologia da Informação: conceitos e fundamentos básicos de informática.....	374
9. Conhecimento de softwares utilitários (compactadores de arquivos, chat, e-mails, reprodutores de vídeo, visualizadores de imagem, antivírus)	374
10. Conceitos de tecnologias relacionadas à Internet	375
11. Busca e pesquisa na Web.....	378
12. Conceitos de segurança na internet	380

Conhecimentos Específicos Técnico em Assuntos Educacionais

1. Sistema Educacional: legislação; estrutura; organização e competências.....	383
2. Ensino superior: formas de acesso, estrutura e funcionamento.	383
3. Gestão e coordenação de processos educativos.	384
4. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos.	384
5. Utilização das tecnologias da informação e comunicação.	384
6. Currículo, diversidade cultural e inclusão social.	385
7. Concepções de avaliação.	396
8. Lei nº 9.394, de 20/12/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.	406
9. Lei nº 10.861, de 14/04/2004 - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.	423
10. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação: aspectos gerais, contribuições para a melhoria da educação superior.....	426
11. Políticas Educacionais Inclusivas: relação de gênero e educação.	427
12. Educação inclusiva.	427
13. Acessibilidade para pessoas com deficiência.....	428

ÍNDICE

14. Projeto político-pedagógico (metodologia de elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação do projeto político-pedagógico).	432
15. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais.	439
16. Lei 12.772/2012 - Plano de Carreira do Magistério Federal	449
17. Lei 11.091/2005 - Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação	457

LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E RELAÇÃO ENTRE AS IDEIAS DE TEXTOS DE GÊNEROS TEXTUAIS DIVERSOS, FATO E OPINIÃO, INTENCIONALIDADE DISCURSIVA, ANÁLISE DE IMPLÍCITOS E SUBENTENDIDOS E DE EFEITOS DE SENTIDO DE ACORDO COM JOSÉ LUIZ FIORIN E FRANCISCO PLATÃO SAVIOLI

As ideias de leitura, interpretação e relação entre textos de gêneros textuais diversos estão relacionadas ao estudo da compreensão e análise de textos. Nesse sentido, as habilidades de leitura são essenciais para compreender um texto, identificar sua estrutura, saber interpretar seu conteúdo e estabelecer relações com outros textos.

No que diz respeito aos gêneros textuais, é importante reconhecer que cada tipo de texto apresenta características próprias, como estrutura, linguagem e finalidade. Ao ler um texto, é necessário levar em consideração essas características para compreender adequadamente o que está sendo comunicado. Além disso, a leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais permite ao leitor ampliar seu repertório de linguagem e de conhecimento.

Outro aspecto importante é a distinção entre fato e opinião. Enquanto o fato é algo comprovado e indiscutível, a opinião representa uma posição pessoal sobre algo. A capacidade de identificar essa distinção é fundamental para uma leitura crítica e para uma análise adequada do texto.

A intencionalidade discursiva se relaciona com a intenção do autor ao produzir um texto. O autor pode buscar informar, persuadir, emocionar, entre outros objetivos. Ao compreender a intencionalidade discursiva, o leitor pode entender melhor o propósito do texto e como esse propósito influencia suas características.

A análise de implícitos e subentendidos se refere à capacidade de identificar informações que não estão explícitas no texto, mas que podem ser inferidas a partir do contexto e dos elementos linguísticos utilizados. Essa habilidade permite ao leitor compreender as entrelinhas do texto e captar mensagens que não estão explicitamente ditas.

Por fim, a análise de efeitos de sentido diz respeito à compreensão das estratégias utilizadas pelo autor para criar determinado efeito no leitor. Esses efeitos podem ser emocionais, persuasivos, irônicos, entre outros. Ao analisar os efeitos de sentido, é possível compreender como o texto é construído para atingir seus objetivos.

José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli são estudiosos da área de linguística e da análise do discurso. Suas obras contribuem para a compreensão dos aspectos mencionados acima, fornecendo bases teóricas e exemplos práticos para o estudo da leitura, interpretação e análise de textos.

IDEIAS PRINCIPAIS E SECUNDÁRIAS E RECURSOS DE ARGUMENTAÇÃO DE ACORDO COM ENI ORLANDI, ELISA GUIMARÃES, ENEIDA GUIMARÃES E INGEDORE VILLAÇA KOCH.

As ideias principais são os pontos principais que sustentam o argumento central do texto. São as afirmações mais relevantes e significativas que o autor pretende transmitir ao leitor. Já as ideias secundárias são aquelas que desempenham um papel de apoio às ideias principais, fornecendo informações adicionais ou exemplos para reforçar o argumento central.

Quanto aos recursos de argumentação, Eni Orlandi, Elisa Guimarães, Eneida Guimarães e Ingedore Villaça Koch são estudiosos da linguagem e da argumentação e têm diferentes contribuições para a compreensão desse tema. Eles podem utilizar diversos recursos argumentativos, tais como:

1. Citações de outros estudiosos ou autoridades no assunto: Para reforçar a validade e a autoridade das ideias apresentadas, eles podem citar outros pesquisadores ou especialistas no assunto que sustentem suas argumentações.
2. Exemplos e ilustrações: Para tornar seus argumentos mais concretos e compreensíveis, podem utilizar exemplos e ilustrações para mostrar como as ideias se aplicam na prática.
3. Dados estatísticos e evidências empíricas: Para embasar suas afirmações, podem utilizar dados estatísticos ou evidências empíricas que demonstrem uma tendência ou um padrão relacionado ao tópico abordado.
4. Uso de analogias e metáforas: Para facilitar a compreensão e estabelecer conexões entre diferentes conceitos, podem utilizar analogias ou metáforas que ajudem a visualizar ou compreender a ideia.
5. Argumentos de autoridade: Os autores podem utilizar seu próprio prestígio ou autoridade no assunto para sustentar suas afirmações e convencer o leitor.

6. Raciocínio lógico e sequencial: Podem utilizar um raciocínio lógico e sequencial, apresentando argumentos ordenadamente e fazendo conexões entre eles de maneira coerente.

Esses são apenas alguns exemplos de recursos de argumentação que podem ser utilizados por esses autores. É importante destacar que cada autor possui suas próprias abordagens e perspectivas e podem utilizar diferentes recursos de acordo com suas especificidades teóricas.

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO: SITUAÇÃO COMUNICATIVA, VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.

— Definição

A língua é a expressão básica de um povo e, portanto, passa por mudanças conforme diversos fatores, como o contexto, a época, a região, a cultura, as necessidades e as vivências do grupo e de cada indivíduo nele inserido. A essas mudanças na língua, damos o nome de variações ou variantes linguísticas. Elas consistem nas diversas formas de expressão de um idioma de um país, tendo em vista que a língua padrão de uma nação não é homogênea. A construção do enunciado, a seleção das palavras e até mesmo a tonalidade da fala, entre outras características, são considerados na análise de uma variação linguística.

Confira a seguir os quatro tipos de variantes linguísticas existentes.

– **Variações sociais (diatráticas):** são as diferenças relacionadas ao grupo social da pessoa que fala. As gírias, por exemplo, fazem parte da linguagem informal dos grupos mais jovens. Assim como ocorre com os mais novos.

– **Os jargões de grupos sociais específicos:** outras turmas têm seu vocabulário particular, como é o caso dos capoeiristas, por exemplo, no meio dos quais a expressão “meia-lua” tem um significado bem diverso daquele que fará sentido para as pessoas que não integram esse universo; o mesmo ocorre com a expressão “dar a caneta”, que, entre os futebolistas é compreendida como um tipo de driblar o adversário, bem diferente do que será assimilado pela população em geral.

– **Os jargões profissionais:** em razão dos tempos técnicos, as profissões também têm bastante influência nas variantes sociais. São termos cuja utilização é restrita a um círculo profissional. Os contadores, por exemplo, usam os termos “ativo” e “passivo” para expressar ideias bem diferentes daquelas empregadas pelas pessoas em geral.

– **Variações históricas (diacrônicas):** essas variantes estão relacionadas ao desenvolvimento da história. Determinadas expressões deixar de existir, enquanto outras surgem e outras se transformam conforme o tempo foi passando. Exemplos:

– **Vocabulário:** a palavra *defluxo* foi substituída, com o tempo, por *resfriado*; o uso da mesóclise era muito comum no século XIX, hoje, não se usa mais.

– **Grafia:** as reformas ortográficas são bastante regulares, sendo que, na de 1911, uma das mudanças mais significativas foi a substituição do *ph* por *f* (pharmácia – farmácia) e, na de 2016, a queda do trema foi apenas uma delas (bilíngüe – bilingue).

– **Variações geográficas (diatópicas):** essa variante está relacionada com a região em que é gerada, assim como ocorre o português brasileiro e os usos que se fazem da língua portuguesa em Angola ou em Portugal, denominadas regionalismo. No contexto nacional, especialmente no Brasil, as variações léxicas, de fonemas são abundantes. No interior de um estado elas também são recorrentes.

– **Exemplos:** “abóbora”, “jerimum” e “moranga” são três formas diferentes de se denominar um mesmo fruto, que dependem da região onde ele se encontra. Exemplo semelhante é o da “mandioca”, que recebe o nome de “macaxeira” ou mesmo de “aipim”.

– **Variações situacionais (diafásicas):** também chamadas de variações estilísticas, referem-se ao contexto que requer a adaptação da fala ou ao estilo dela. É o caso das questões de linguagem formal e informal, adequação à norma-padrão ou descaso com seu uso. A utilização de expressões aprimoradas e a obediência às normas-padrão da língua remetem à linguagem culta, oposta à linguagem coloquial. Na fala, a tonalidade da voz também importante. Dessa forma, a maneira de se comunicar informalmente e a escolha vocabular não serão, naturalmente, semelhantes em ocasiões como uma entrevista de emprego. Essas variações observam o contexto da interação social, considerando tanto o ambiente em que a comunicação se dá quanto as expectativas dos envolvidos.

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS E INTERTEXTUALIDADE: CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA DE ACORDO COM LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI.

De acordo com Luiz Antônio Marcuschi, os gêneros textuais são formas padronizadas de expressão que circulam socialmente e que podem ser identificados por suas características e estrutura. Os tipos textuais, por sua vez, são diferentes modos de organizar o discurso, que podem ser identificados por suas características sintáticas e retóricas.

No entanto, é importante destacar que a intertextualidade pode ser encontrada tanto nos gêneros textuais quanto nos tipos textuais. A intertextualidade é a relação entre diferentes textos, em que um faz referência ou se relaciona com outro.

No que diz respeito às características dos gêneros textuais, Marcuschi destaca que eles são influenciados pelo contexto social e comunicativo em que são produzidos. Cada gênero textual tem seu próprio propósito comunicativo, público alvo, estrutura e estilo. Alguns exemplos de gêneros textuais são a carta, o diário, a notícia, o poema, o romance, a receita culinária, entre outros.

Já os tipos textuais são diferentes formas de organizar as informações e ideias dentro de um texto. Os tipos textuais mais comuns são a narração, a descrição, a dissertação, a argumentação e a exposição. Cada tipo textual tem suas próprias características sintáticas e retóricas, que definem como o texto será estruturado e quais estratégias serão utilizadas para persuadir o leitor.

Definições e diferenciação: tipos textuais e gêneros textuais são dois conceitos distintos, cada qual com sua própria linguagem e estrutura. Os tipos textuais gêneros se classificam em razão da estrutura linguística, enquanto os gêneros textuais têm sua classificação baseada na forma de comunicação. Assim, os gêneros são variedades existente no interior dos modelos pré-estabelecidos

dos tipos textuais. A definição de um gênero textual é feita a partir dos conteúdos temáticos que apresentam sua estrutura específica. Logo, para cada tipo de texto, existem gêneros característicos.

Como se classificam os tipos e os gêneros textuais

As classificações conforme o gênero podem sofrer mudanças e são amplamente flexíveis. Os principais gêneros são: romance, conto, fábula, lenda, notícia, carta, bula de medicamento, cardápio de restaurante, lista de compras, receita de bolo, etc. Quanto aos tipos, as classificações são fixas, e definem e distinguem o texto com base na estrutura e nos aspectos linguísticos. Os tipos textuais são: narrativo, descritivo, dissertativo, expositivo e injuntivo. Resumindo, os gêneros textuais são a parte concreta, enquanto as tipologias integram o campo das formas, da teoria. Acompanhe abaixo os principais gêneros textuais inseridos e como eles se inserem em cada tipo textual:

Texto narrativo: esse tipo textual se estrutura em: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Esses textos se caracterizam pela apresentação das ações de personagens em um tempo e espaço determinado. Os principais gêneros textuais que pertencem ao tipo textual narrativo são: romances, novelas, contos, crônicas e fábulas.

Texto descritivo: esse tipo compreende textos que descrevem lugares ou seres ou relatam acontecimentos. Em geral, esse tipo de texto contém adjetivos que exprimem as emoções do narrador, e, em termos de gêneros, abrange diários, classificados, cardápios de restaurantes, folhetos turísticos, relatos de viagens, etc.

Texto expositivo: corresponde ao texto cuja função é transmitir ideias utilizando recursos de definição, comparação, descrição, conceituação e informação. Verbetes de dicionário, enciclopédias, jornais, resumos escolares, entre outros, fazem parte dos textos expositivos.

Texto argumentativo: os textos argumentativos têm o objetivo de apresentar um assunto recorrendo a argumentações, isto é, caracteriza-se por defender um ponto de vista. Sua estrutura é composta por introdução, desenvolvimento e conclusão. Os textos argumentativos compreendem os gêneros textuais manifesto e abaixo-assinado.

Texto injuntivo: esse tipo de texto tem como finalidade de orientar o leitor, ou seja, expor instruções, de forma que o emissor procure persuadir seu interlocutor. Em razão disso, o emprego de verbos no modo imperativo é sua característica principal. Pertencem a este tipo os gêneros bula de remédio, receitas culinárias, manuais de instruções, entre outros.

Texto prescritivo: essa tipologia textual tem a função de instruir o leitor em relação ao procedimento. Esses textos, de certa forma, impedem a liberdade de atuação do leitor, pois decretam que ele siga o que diz o texto. Os gêneros que pertencem a esse tipo de texto são: leis, cláusulas contratuais, edital de concursos públicos.

Gêneros textuais predominantemente do tipo textual narrativo

Romance

É um texto completo, com tempo, espaço e personagens bem definidos. Pode ter partes em que o tipo narrativo dá lugar ao descritivo em função da caracterização de personagens e lugares. As ações são mais extensas e complexas. Pode contar as façanhas de um herói em uma história de amor vivida por ele e uma mulher, muitas vezes, “proibida” para ele. Entretanto, existem romances

com diferentes temáticas: romances históricos (tratam de fatos ligados a períodos históricos), romances psicológicos (envolvem as reflexões e conflitos internos de um personagem), romances sociais (retratam comportamentos de uma parcela da sociedade com vistas a realização de uma crítica social). Para exemplo, destacamos os seguintes romancistas brasileiros: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Eça de Queiroz, entre outros.

Conto

É um texto narrativo breve, e de **ficção**, geralmente em prosa, que conta situações rotineiras, anedotas e até folclores. Inicialmente, fazia parte da literatura oral. *Boccaccio* foi o primeiro a reproduzi-lo de forma escrita com a publicação de *Decamerão*.

Ele é um gênero da esfera literária e se caracteriza por ser uma narrativa densa e concisa, a qual se desenvolve em torno de uma única ação. Geralmente, o leitor é colocado no interior de uma ação já em desenvolvimento. Não há muita especificação sobre o antes e nem sobre o depois desse recorte que é narrado no conto. Há a construção de uma tensão ao longo de todo o conto.

Diversos contos são desenvolvidos na tipologia textual narrativa: conto de fadas, que envolve personagens do mundo da fantasia; contos de aventura, que envolvem personagens em um contexto mais próximo da realidade; contos folclóricos (conto popular); contos de terror ou assombração, que se desenrolam em um contexto sombrio e objetivam causar medo no expectador; contos de mistério, que envolvem o suspense e a solução de um mistério.

Fábula

É um texto de caráter fantástico que busca ser inverossímil. As personagens principais não são humanos e a finalidade é transmitir alguma lição de moral.

Novela

É um texto caracterizado por ser intermediário entre a longevidade do romance e a brevidade do conto. Esse gênero é constituído por uma grande quantidade de personagens organizadas em diferentes núcleos, os quais nem sempre convivem ao longo do enredo. Como exemplos de novelas, podem ser citadas as obras *O Alienista*, de Machado de Assis, e *A Metamorfose*, de Kafka.

Crônica

É uma narrativa informal, breve, ligada à **vida cotidiana**, com linguagem coloquial. Pode ter um tom humorístico ou um toque de crítica indireta, especialmente, quando aparece em seção ou artigo de jornal, revistas e programas da TV. Há na literatura brasileira vários cronistas renomados, dentre eles citamos para seu conhecimento: Luís Fernando Veríssimo, Rubem Braga, Fernando Sabido entre outros.

Diário

É escrito em linguagem informal, sempre consta a data e não há um destinatário específico, geralmente, é para a própria pessoa que está escrevendo, é um relato dos acontecimentos do dia. O objetivo desse tipo de texto é guardar as lembranças e em alguns momentos desabafar. Veja um exemplo:

“Domingo, 14 de junho de 1942

Vou começar a partir do momento em que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, e com isso eu não contava.)

LEGISLAÇÃO

REGIME JURÍDICO DOS SERVIDORES PÚBLICOS CIVIS DA UNIÃO (LEI Nº 8.112, DE 11/12/1990, COM SUAS ALTERAÇÕES)

Considerações Iniciais

A Lei nº 8.112/90 foi editada nos termos do art. 39 da Constituição Federal de 1.988 e dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais.

Vejamos o que dispõe o referido dispositivo constitucional:

Art. 39. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios instituirão, no âmbito de sua competência, regime jurídico único e planos de carreira para os servidores da administração pública direta, das autarquias e das fundações públicas. (Vide ADIN nº 2.135).

Desta forma, a Lei 8.112/1990, trata-se de norma federal que pode ser aplicada:

- a) De forma exclusiva, à União;
- b) Aos servidores públicos estatutários (efetivos ou comissionados); e
- c) Aos servidores da administração direta, autárquica e fundacional;

Entretanto, não se aplica:

- a) Aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios;
- b) Às Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista; e
- c) Aos empregados públicos, tendo em vista que estes se encontram submetidos à Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.

Ressalta-se, que embora a Lei nº 8.112/90 não seja aplicável aos Estados e Municípios, o STJ acata, em situações excepcionais, a sua utilização subsidiária para os demais entes em temas não abrangidos pela legislação local.

Contudo, a regra geral, é a de que a Lei nº 8112 não se aplica aos demais entes, mas, caso a banca de concursos cobre jurisprudência nas provas, em situações como a que foi mencionada, esta lei poderá ser aplicada a esses entes.

Nesse módulo de estudos, serão abordados os principais pontos e alterações desta importante Legislação. Vejamos:

Art. 1º Esta Lei institui o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias, inclusive as em regime especial, e das fundações públicas federais.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, servidor é a pessoa legalmente investida em cargo público.

Parágrafo único. Os cargos públicos, acessíveis a todos os brasileiros, são criados por lei, com denominação própria e vencimento pago pelos cofres públicos, para provimento em caráter efetivo ou em comissão.

Art. 4º É proibida a prestação de serviços gratuitos, salvo os casos previstos em lei.

– OBS. Importante: Cargo público é a unidade de competência atribuída a um servidor público. O cargo é criado por lei e possui denominação própria.

Exemplos de cargos públicos:

- Analista Judiciário do Tribunal Regional Eleitoral;
- Auditor Federal de Controle Externo do Tribunal de Contas da União.

Dito isto, é importante destacar que são servidores públicos estatutários, os ocupantes de cargo de provimento efetivo e em comissão.

— Do Provimento, Vacância, Remoção, Redistribuição e Substituição

Do provimento

Art. 5º São requisitos básicos para investidura em cargo público:

- I - a nacionalidade brasileira;
- II - o gozo dos direitos políticos;
- III - a quitação com as obrigações militares e eleitorais;
- IV - o nível de escolaridade exigido para o exercício do cargo;
- V - a idade mínima de dezoito anos;
- VI - aptidão física e mental.

§ 1º As atribuições do cargo podem justificar a exigência de outros requisitos estabelecidos em lei.

§ 2º Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas até 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas no concurso.

§ 3º As universidades e instituições de pesquisa científica e tecnológica federais poderão prover seus cargos com professores, técnicos e cientistas estrangeiros, de acordo com as normas e os procedimentos desta Lei.

Sobre os dispositivos mencionados acima, vale a pena conferir o que dispõe o art. 37, I da Constituição Federal de 1.988:

Art. 37

(...)

I - os cargos, empregos e funções públicas são acessíveis aos brasileiros que preencham os requisitos estabelecidos em lei, assim como aos estrangeiros, na forma da lei.

No tocante aos brasileiros, o dispositivo se refere à norma de eficácia contida, por meio da qual, poderá a Lei estabelecer requisitos para o acesso. Já em relação aos estrangeiros trata-se de norma de eficácia limitada, que para ser implementada, depende de Lei.

Além disso, o art. 5º, § 3º, contém hipótese de ingresso em cargo público por estrangeiro.

Ademais, vale pontuar que o art. 37, inc. VIII, da Constituição Federal, determina que “a lei reservará percentual dos cargos e empregos públicos para as pessoas portadoras de deficiência e definirá os critérios de sua admissão”.

Art. 6º O provimento dos cargos públicos far-se-á mediante ato da autoridade competente de cada Poder.

Art. 7º A investidura em cargo público ocorrerá com a posse.

Art. 8º São formas de provimento de cargo público:

- I - nomeação;
- II - promoção;
- III - (Revogado pela Lei nº 9.527, de 10.12.97)
- IV - (Revogado pela Lei nº 9.527, de 10.12.97)
- V - readaptação;
- VI - reversão;
- VII - aproveitamento;
- VIII - reintegração;
- IX - recondução.

É por meio da posse que ocorrerá a investidura em cargo público.

Além disso, denota-se que nos incisos III e IV do art. 8º, constavam a ascensão e a transferência, que se tratavam de meios de provimento vertical por meio dos quais, o servidor passava a integrar uma carreira diferente daquela que ocupava anteriormente.

Contudo, o Supremo Tribunal Federal considerou as referidas formas de provimento inconstitucionais, dispondo ainda, que elas ferem o princípio do concurso público. Desse modo, atualmente a promoção é a única forma de provimento vertical, tendo em vista que nesta situação, a evolução ocorre dentro da mesma carreira.

Vejam os entendimentos do STF acerca do assunto:

Súmula Vinculante 43: “É inconstitucional toda modalidade de provimento que propicie ao servidor investir-se, sem prévia aprovação em concurso público destinado ao seu provimento, em cargo que não integra a carreira na qual anteriormente investido”.

Da Vacância

Art. 33. A vacância do cargo público decorrerá de:

- I - exoneração;
- II - demissão;
- III - promoção;
- IV - (Revogado pela Lei nº 9.527, de 10.12.97)
- V - (Revogado pela Lei nº 9.527, de 10.12.97)
- VI - readaptação;
- VII - aposentadoria;
- VIII - posse em outro cargo inacumulável;
- IX - falecimento.

Ressalta-se que tanto a promoção, quanto a readaptação, bem como a posse em outro cargo inacumulável representam, de modo concomitante, a vacância em um cargo e também o provimento em outro.

Dentre as formas de vacância em cargo público, destaca-se também, que a demissão é medida punitiva, que deverá observar o contraditório e a ampla defesa e o devido processo administrativo disciplinar.

Art. 34. A exoneração de cargo efetivo dar-se-á a pedido do servidor, ou de ofício.

Parágrafo único. A exoneração de ofício dar-se-á:

- I - quando não satisfeitas as condições do estágio probatório;
- II - quando, tendo tomado posse, o servidor não entrar em exercício no prazo estabelecido.

Art. 35. A exoneração de cargo em comissão e a dispensa de função de confiança dar-se-á:

- I - a juízo da autoridade competente;
- II - a pedido do próprio servidor.

Parágrafo único. (Revogado pela Lei nº 9.527, de 10.12.97)

Dos dispositivos acima, extrai-se que o ocupante de cargo efetivo poderá ser exonerado apenas em situações específicas, tendo em vista que este é possuidor da estabilidade.

Desse modo, a Lei nº 8.112/90 prevê a exoneração a pedido, ou, de ofício, nas seguintes situações:

- a) Inabilitação em estágio probatório, se não estável; e
- b) Quando o servidor não entrar em exercício no prazo após a sua posse.

Sobre o assunto, boa parte da doutrina defende que a exoneração do servidor efetivo também poderá ocorrer nas seguintes hipóteses:

- a) Pela extinção do cargo ocupado por servidor não estável;
- b) Quando o servidor não estável esteja ocupando cargo que deva ser provido, mediante reintegração de outro servidor que fora demitido anteriormente de modo ilegal;
- c) Quando houver ocorrência de insuficiência de desempenho (exoneração de servidor estável CFB/88, art. 41, §1º, III); e
- d) Quando houver excesso de despesa com pessoal (exoneração de servidor estável – CFB/88, art. 169, §4º).

Da Remoção

Art. 36. Remoção é o deslocamento do servidor, a pedido ou de ofício, no âmbito do mesmo quadro, com ou sem mudança de sede.

Parágrafo único. Para fins do disposto neste artigo, entende-se por modalidades de remoção:

- I - de ofício, no interesse da Administração;
- II - a pedido, a critério da Administração;
- III - a pedido, para outra localidade, independentemente do interesse da Administração:

a) para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, que foi deslocado no interesse da Administração;

b) por motivo de saúde do servidor, cônjuge, companheiro ou dependente que viva às suas expensas e conste do seu assentamento funcional, condicionada à comprovação por junta médica oficial;

Na remoção de ofício, a critério da Administração, poderá o deslocamento ocorrer com ou sem mudança de sede. Desta maneira, poderá o servidor permanecer no mesmo município, bem como deslocar para outro.

Em se tratando de remoção a pedido, independentemente do interesse da Administração, a remoção ocorrerá sempre com mudança de sede.

Além disso, ambas as formas de remoção citadas acima, são discricionárias. Todavia, na remoção a pedido, independentemente de existência de interesse da Administração, o servidor possui direito à remoção, e havendo a presença dos requisitos legais, a decisão da autoridade será de forma vinculada.

Destaca-se que apenas na remoção de ofício, desde que haja mudança de sede, o servidor possuirá o direito à ajuda de custo nos moldes do art. 53 da Lei nº 8.112/1990.

Da Redistribuição

Art. 37. Redistribuição é o deslocamento de cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago no âmbito do quadro geral de pessoal, para outro órgão ou entidade do mesmo Poder, com prévia apreciação do órgão central do SIPEC, observados os seguintes preceitos:

- I - interesse da administração;
- II - equivalência de vencimentos;
- III - manutenção da essência das atribuições do cargo;
- IV - vinculação entre os graus de responsabilidade e complexidade das atividades;
- V - mesmo nível de escolaridade, especialidade ou habilitação profissional;
- VI - compatibilidade entre as atribuições do cargo e as finalidades institucionais do órgão ou entidade

Desse modo, temos:

REMOÇÃO: deslocamento do servidor que pode ocorrer de ofício ou a pedido.
REDISTRIBUIÇÃO: deslocamento do cargo que ocorrerá sempre de ofício.

Da Substituição

Art. 38. Os servidores investidos em cargo ou função de direção ou chefia e os ocupantes de cargo de Natureza Especial terão substitutos indicados no regimento interno ou, no caso de omissão, previamente designados pelo dirigente máximo do órgão ou entidade.

§ 1º O substituto assumirá automática e cumulativamente, sem prejuízo do cargo que ocupa, o exercício do cargo ou função de direção ou chefia e os de Natureza Especial, nos afastamentos, impedimentos legais ou regulamentares do titular e na vacância do cargo, hipóteses em que deverá optar pela remuneração de um deles durante o respectivo período.

§ 2º O substituto fará jus à retribuição pelo exercício do cargo ou função de direção ou chefia ou de cargo de Natureza Especial, nos casos dos afastamentos ou impedimentos legais do titular, superiores a trinta dias consecutivos, paga na proporção dos dias de efetiva substituição, que excederem o referido período.

Art. 39. O disposto no artigo anterior aplica-se aos titulares de unidades administrativas organizadas em nível de assessoria.

Dos dispositivos acima, extrai-se que os cargos de natureza especial se tratam dos cargos em comissão de escalão mais alto e os seus ocupantes assessoram de modo direto os dirigentes superiores do Poder Executivo. Exemplo: o Chefe de Gabinete do Presidente da República e os Secretários Especiais, dentre outros.

Além do exposto, vale a pena destacar os seguintes tópicos:

- Os servidores de cargo ou função de direção ou chefia e os ocupantes de cargo de Natureza Especial terão substitutos indicados no regimento interno;
- O substituto assumirá de modo automático e cumulativo, sem prejuízo do cargo que ocupa, o exercício do cargo ou função de direção ou chefia e os de Natureza Especial, nos afastamentos, impedimentos legais ou regulamentares do titular;

– O substituto assumirá de modo automático e cumulativo, sem prejuízo do cargo que ocupa, o exercício do cargo ou função de direção ou chefia e os de Natureza Especial na vacância do cargo, devendo optar pela remuneração de um deles durante esse período;

– O substituto fará jus à retribuição pelo exercício do cargo ou função de direção ou chefia ou de cargo de Natureza Especial, nas situações citadas acima.

Da Nomeação

Art. 9º A nomeação far-se-á:

I - em caráter efetivo, quando se tratar de cargo isolado de provimento efetivo ou de carreira;

II - em comissão, inclusive na condição de interino, para cargos de confiança vagos.

Parágrafo único. O servidor ocupante de cargo em comissão ou de natureza especial poderá ser nomeado para ter exercício, interinamente, em outro cargo de confiança, sem prejuízo das atribuições do que atualmente ocupa, hipótese em que deverá optar pela remuneração de um deles durante o período da interinidade.

Art. 10 A nomeação para cargo de carreira ou cargo isolado de provimento efetivo depende de prévia habilitação em concurso público de provas ou de provas e títulos, obedecidos a ordem de classificação e o prazo de sua validade.

Parágrafo único. Os demais requisitos para o ingresso e o desenvolvimento do servidor na carreira, mediante promoção, serão estabelecidos pela lei que fixar as diretrizes do sistema de carreira na Administração Pública Federal e seus regulamentos.

Em suma, temos:

NOMEAÇÃO - Efetivo: Prévia aprovação em concurso público.
COMISSÃO: Livre nomeação e exoneração.

Do Concurso Público

Art. 11. O concurso será de provas ou de provas e títulos, podendo ser realizado em duas etapas, conforme dispuserem a lei e o regulamento do respectivo plano de carreira, condicionada a inscrição do candidato ao pagamento do valor fixado no edital, quando indispensável ao seu custeio, e ressalvadas as hipóteses de isenção nele expressamente previstas.

Art. 12. O concurso público terá validade de até 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado uma única vez, por igual período.

§ 1º O prazo de validade do concurso e as condições de sua realização serão fixados em edital, que será publicado no Diário Oficial da União e em jornal diário de grande circulação.

§ 2º Não se abrirá novo concurso enquanto houver candidato aprovado em concurso anterior com prazo de validade não expirado.

Sobre os dispositivos acima, vejamos o que diz o Texto da Constituição Federal (art. 37, II a IV):

II - a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração;

III - o prazo de validade do concurso público será de até dois anos, prorrogável uma vez, por igual período;

CONHECIMENTOS GERAIS

PARTE 1: CULTURA POPULAR, PERSONALIDADES, PONTOS TURÍSTICOS, ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E TERRITORIAL, DIVISÃO POLÍTICA, REGIÕES ADMINISTRATIVAS, REGIONALIZAÇÃO DO IBGE, HIERARQUIA URBANA, SÍMBOLOS, ESTRUTURA DOS PODERES, FAUNA E FLORA LOCAIS, HIDROGRAFIA E RELEVO, MATRIZ PRODUTIVA, MATRIZ ENERGÉTICA E MATRIZ DE TRANSPORTE, UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO PAÍS, ESTADO, DO MUNICÍPIO E DA REGIÃO QUE O CERCA

História¹

A cidade de Porto Alegre tem como data oficial de fundação 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, um ano depois alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. O povoamento, contudo, começou em 1752, com a chegada de 60 casais portugueses açorianos trazidos por meio do Tratado de Madri para se instalarem nas Missões, região do Noroeste do Estado que estava sendo entregue ao governo português em troca da Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata. A demarcação dessas terras demorou e os açorianos permaneceram no então chamado Porto de Viamão, primeira denominação de Porto Alegre.

Em 24 de julho de 1773, Porto Alegre se tornou a capital da capitania, com a instalação oficial do governo de José Marcelino de Figueiredo. A partir de 1824, passou a receber imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses. Este mosaico de múltiplas expressões, variadas faces e origens étnicas, religiosas e linguísticas, faz de Porto Alegre, hoje com quase 1,5 milhão de habitantes, uma cidade cosmopolita e multicultural, uma demonstração bem sucedida de diversidade e pluralidade.

Foi a ferro e fogo que Porto Alegre construiu a sua história. A capital do Rio Grande do Sul é também a capital dos Pampas, como é conhecida a região de fauna e flora características formada por extensas planícies que dominam a paisagem do Sul do Brasil e parte da Argentina e do Uruguai. É nessa região que nasceu o gaúcho, figura histórica, dotada de bravura e espírito guerreiro, resultado de lendárias batalhas e revoltas por disputas de fronteiras entre os Reinos de Portugal e Espanha, a partir do século XVI.

As revoltas se sucederam, mas foi o século XIX que marcou o seu povo, após uma longa guerra por independência contra o Império Português. A chamada Guerra dos Farrapos se iniciou com um enfrentamento ocorrido na própria capital, nas proximidades da atual ponte da Azenha, no dia 20 de setembro de 1835. Mesmo sufocado, foi este conflito que gravou na história o mito do gaúcho e é até hoje cantado em hino, comemorada em desfiles anuais e homenageada com nomes de ruas e parques.

Com o fim da Guerra dos Farrapos, a cidade retomou seu desenvolvimento e passa por uma forte reestruturação urbana nas últimas décadas do século XVIII, movida principalmente pelo rápido crescimento das atividades portuárias e dos estaleiros. O desenvolvimento foi contínuo ao longo do tempo e a cidade se manteve no centro dos acontecimentos culturais, políticos e sociais do país como terra de grandes escritores, intelectuais, artistas, políticos e acontecimentos que marcaram a história do Brasil.

Formação Administrativa²

Freguesia criada com a denominação de São Francisco dos Casais, pela Provisão Régia de 26-03-1772.

Elevado à condição de capital do estado, em 24-07-1773.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Porto Alegre, por Ordem Régia de 23-08-1803 ou 26-01-1803. Confirmado por Alvará de 23-08-1808. Sede na antiga povoação de São Francisco dos Casais. Instalado em 11-12-1810.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Porto Alegre, por Carta Imperial Alvará de 16-12-1812 ou Carta de Lei de 14-11-1822.

Pelo Ato Municipal n.º 17, de 04-09-1896, foram criados os distritos de Barra do Ribeiro e Mariana Pimentel e anexados ao município de Porto Alegre.

Pelo Ato Municipal n.º 7, de 01-12-1892, foram criados os distritos de Belém Novo e Pedras Brancas e anexados ao município de Porto Alegre.

Pelo Ato Municipal n.º 9, de 03-01-1898, é criado o distrito de Ilhas Fronteiras e anexado ao município de Porto Alegre.

Pelo Ato Municipal n.º 72, de 08-02-1911, é criado o distrito de Tapes e anexado ao município de Porto Alegre.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 10 distritos: Porto Alegre, 1º, 2º, 3º, Barra do Ribeiro, Belém Novo, Ilhas Fronteiras, Mariana Pimentel, Pedras Brancas e Tapes.

1 PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. *Histórico da Cidade*. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=257>

2 IBGE. *Formação Administrativa*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/historico>>

Pelo Decreto n.º 1.993, desmembra do município de Porto Alegre o distrito de Tapes. Elevado à categoria de município como Dores de Camaquã.

No quadro fixado para vigorar no período de 1-IX-1920, o município é constituído de 11 distritos: Porto Alegre, 2º, 3º, 4º, 5º, Barra do Ribeiro, Belém Novo, Ilhas (ex-Ilhas Fronteiras), Mariana Pimentel e Pedras Brancas.

Pelo Decreto Estadual n.º 3.697, de 14-10-1926, desmembra do município de Porto Alegre os distritos de Pedras Brancas e Barra do Ribeiro, para constituir o novo Guaíba (ex-Pedras Brancas).

Pelo Ato Municipal n.º 115, de 16-12-1927, é criado o distrito de Glória, São João e Tristeza e anexados ao município de Porto Alegre.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 9 distritos: Porto Alegre, 2º, 3º, 4º, 5º, Belém Novo, Glória, Ilhas, Mariana Pimentel, São João e Tristeza.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município é constituído de 7 distritos: Porto Alegre, Belém Novo, Glória, Ilhas, Mariana Pimentel, São João e Tristeza.

Pelo Decreto Estadual n.º 7.199, de 31-03-1939, os distritos de Glória, São João e Tristeza foram extintos, sendo seus territórios anexados ao distrito sede do município de Porto Alegre, como simples zona. O mesmo Decreto Estadual acima citado modifica a denominação do distrito de Ilhas para Pintada.

Pelo Decreto Estadual n.º 7.642, de 30-06-1939, confirmado pelo Decreto-lei Federal n.º 1.307, de 31-05-1939, o distrito de Mariana Pimentel perdeu parte de seu território para o novo distrito de Sertão de Santana, desmembrado do distrito de Mariana Pimentel e anexado ao município de Guaíba.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 3 distritos: Porto Alegre, Belém Novo e Pintada (ex-Ilhas).

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município permanece constituído de 3 distritos: Porto Alegre, Belém Novo e Pintada. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 31-XII-1968.

Pela Lei Municipal n.º 3.354, de 19-12-1969, foram extintos os distritos Belém Novo e Pintada, sendo seus territórios anexados ao distrito sede do município de Porto Alegre.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1969, o município é constituído do distrito sede.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Geografia³

A área de Porto Alegre, de 495,390 km², é um ponto de encontro de distintos sistemas naturais que imprimem uma geografia diversificada à cidade. Um anel de morros graníticos com 730 milhões de anos emoldura a região de planície onde está o grande centro urbano da cidade, ocupando 65% de seu território. Os morros fazem parte de uma plataforma originada de rochas que se fundiram sob pressão e calor intensos no interior da terra e depois emergiram, elevando-se à altura de montanhas. Hoje, desbastadas e fendidas pela erosão de milhões de anos, formam pequenos morros de cume arredondados que dominam a paisagem da capital. O Morro Santana, com 311 m de altura, é o ponto mais alto, com matas e campos nativos, cachoeiras, banhados, charcos, lagos, córregos e cascatas.

3 PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Geografia**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=258>

Esta formação geológica foi uma espécie de contenção natural para a ocupação do município em direção à zona sul, e contribuiu para que Porto Alegre conserve 30% de seu território como área rural, a segunda maior entre as capitais brasileiras.

Outra parte do território da capital, cerca de 44 km², estão distribuídos em 16 ilhas do Lago Guaíba sob jurisdição do município. O lago contorna a cidade numa extensão 70 km de orla fluvial a expressão geográfica mais marcante da capital gaúcha. O conjunto de ilhas, parques e de áreas de preservação natural, somado à área rural e ao elevado índice de arborização das vias públicas, fazem de Porto Alegre uma cidade verde, acima do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Outros dados:

Localização: Latitude – 30° / Longitude W – Greenwich 51°. Capital mais meridional do Brasil

Altitude: 10 m

Área: 495,390 km²

Relevo: A cidade ocupa uma área de planície circundada por 40 morros que abrangem 65% da sua área. É limitada pela orla fluvial do lago Guaíba, de 72 quilômetros de extensão.

População estimada: 1.492.530 (Fonte: IBGE – Estimativa 2021⁴). População de acordo com último censo oficial (2010): 1.409.351.

IDH (Índice de Desenvolvimento Humano): 0,865

Clima

O clima de Porto Alegre é subtropical úmido. Apresenta as quatro estações do ano, embora por situar-se numa zona de transição, tenha como característica a grande variabilidade dos elementos do tempo meteorológico.

Temperatura

Média anual de 19,5°C.

Outono (março a junho)

Entre 10°C e 25°C.

Inverno (junho a setembro)

Entre 2°C e 20°C.

Primavera (setembro a dezembro)

Entre 15°C e 30°C.

Verão (dezembro a março)

Entre 25°C e 35°C.

Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA

A Região Metropolitana de Porto Alegre concentra 38,2% da população do RS e é formada por 34 municípios⁵.

4 <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>

5 Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul. Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA. <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/regiao-metropolitana-de-porto-alegre-rmpa>.

CONHECIMENTOS GERAIS

A Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA é a área mais densamente povoada do Rio Grande do Sul. Em 2020, segundo as Estimativas de População, concentra 4,4 milhões de habitantes – 38,2% da população total do Estado. Dos 19 municípios do Estado com mais de 100 mil habitantes, nove fazem parte da RMPA, e a densidade demográfica média da região é de 421,8 hab/km².

A RMPA foi criada por lei em 1973 e era composta, inicialmente, por 14 municípios. O crescimento demográfico da Região Metropolitana é resultante principalmente das migrações internas, da interligação das malhas urbanas e das sucessivas emancipações que ocorreu ao longo desses anos. Isso fez com que novas áreas fossem se integrando à Região, totalizando atualmente 34 municípios. Estes apresentam muitas disparidades em relação aos indicadores socioeconômicos, refletindo uma distribuição desigual de recursos econômicos e de serviços e equipamentos urbanos como transporte, saúde, educação, habitação e saneamento.

A Região também se caracteriza por constituir-se em um polo de atração, de complementaridade funcional e de integração das dinâmicas políticas e socioeconômicas. Essa característica, antes restrita somente a Porto Alegre e cidades mais populosas, agora se verifica também nas cidades do entorno da RMPA. Muitas pessoas deslocam-se, atraídas pela oferta de serviços e de emprego, se tornando em uma área de acentuada expansão econômica no Estado.

Ano de Inclusão na RMPA	Municípios	População Total 2020 (1) (habitantes)	Área 2019 (2) (km ²)	Densidade Demográfica 2020 (hab/km ²)	Taxa de Urbanização 2010 (3) (%)
	RMPA	4.363.027	10.342,9	421,8	96,90
1973	Alvorada	211.352	71,6	2.949,9	100,00
1998	Araricá	5.771	35,3	163,5	100,00
2000	Arroio dos Ratos	14.177	425,8	33,3	95,45
1973	Cachoeirinha	131.240	43,8	2.997,6	100,00
1973	Campo Bom	69.458	60,8	1.142,2	97,44
1973	Canoas	348.208	130,8	2.662,4	99,86
2001	Capela de Santana	12.064	183,1	65,9	95,24
1994	Charqueadas	41.258	217,4	189,8	97,75
1989	Dois Irmãos	33.119	65,2	508,3	98,27
1989	Eldorado do Sul	41.902	509,6	82,2	100,00
1973	Estância Velha	50.672	52,1	973,0	99,60
1973	Esteio	83.279	27,7	3.009,1	96,40
1989	Glorinha	8.204	323,8	25,3	99,63
1973	Gravataí	283.620	462,7	613,0	93,97
1973	Guaíba	98.239	376,2	261,2	98,93
2011	Igrejinha	37.340	136,8	273,0	89,68
1989	Ivoti	24.690	63,1	391,3	30,00
1999	Montenegro	65.721	424,8	154,7	90,88
1989	Nova Hartz	21.875	62,2	351,8	83,23
1998	Nova Santa Rita	29.905	217,9	137,3	94,43
1973	Novo Hamburgo	247.032	223,7	1.104,4	81,75
1989	Parobé	58.858	108,7	541,6	65,35
1989	Portão	37.561	160,4	234,2	97,65
1973	Porto Alegre	1.488.252	495,4	3.004,2	82,15
2010	Rolante	21.453	295,6	72,6	85,73
2000	Santo Antônio da Patrulha	43.171	1.049,8	41,1	90,26
1999	São Jerônimo	24.412	935,6	26,1	77,05
1973	São Leopoldo	238.648	103,0	2.316,7	82,84
2012	São Sebastião do Caí	25.959	112,6	230,6	95,22
1973	Sapiranga	80.037	137,6	581,6	70,84
1973	Sapucaia do Sul	141.808	58,3	2.432,0	59,55
1999	Taquara	57.584	457,6	125,8	78,57
1989	Triunfo	29.856	817,6	36,5	95,36
1973	Viamão	256.302	1.496,5	171,3	80,28

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Técnico em Assuntos Educacionais

SISTEMA EDUCACIONAL: LEGISLAÇÃO; ESTRUTURA; ORGANIZAÇÃO E COMPETÊNCIAS.

A legislação relacionada ao sistema educacional varia de acordo com cada país. No entanto, é comum encontrar leis que regulam aspectos como a obrigatoriedade da educação, o currículo escolar, a forma de avaliação dos estudantes, a formação de professores, entre outros.

A estrutura do sistema educacional geralmente é dividida em diferentes níveis, como a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e o ensino superior. Cada nível possui um objetivo e uma abordagem pedagógica específica, de acordo com a faixa etária e as necessidades dos alunos.

A organização do sistema educacional pode ocorrer de forma centralizada ou descentralizada. Em alguns países, o governo central é responsável por definir as políticas educacionais e coordenar a implementação em todo o país. Em outros, há maior autonomia para as escolas e sistemas de ensino locais, que têm mais liberdade para tomar decisões e adaptar as políticas às necessidades locais.

As competências no sistema educacional podem ser divididas entre diferentes entidades. O governo central geralmente é responsável por definir as políticas educacionais e supervisionar o funcionamento do sistema. Os governos locais, por sua vez, têm o papel de fornecer recursos e infraestrutura adequados, além de serem responsáveis pela contratação e capacitação de professores. As escolas e instituições de ensino, por sua vez, têm a responsabilidade de implementar as políticas educacionais, planejar o currículo e garantir a qualidade do ensino.

Em síntese o sistema educacional é regulamentado por leis, tem uma estrutura organizacional definida e envolve diferentes competências e responsabilidades das entidades envolvidas. O objetivo é fornecer uma educação de qualidade, adequada às necessidades dos alunos e da sociedade como um todo.

ENSINO SUPERIOR: FORMAS DE ACESSO, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO.

O ensino superior é o nível de ensino que ocorre após o ensino médio e engloba cursos de graduação, pós-graduação e programas de extensão. Existem diferentes formas de acesso ao ensino superior, que variam de acordo com o país e com a instituição de ensino. Vou explicar as formas de acesso mais comuns:

Vestibular: é um processo seletivo aplicado pelas próprias instituições, que avaliam os conhecimentos dos candidatos em diversas disciplinas. Pode ser realizado de forma presencial ou online.

Enem: o Exame Nacional do Ensino Médio é uma prova aplicada no Brasil e utilizada por muitas instituições como forma de ingresso no ensino superior. Os candidatos fazem o exame e depois utilizam sua nota para concorrer a vagas em instituições públicas e privadas.

Sisu: Sistema de Seleção Unificada é um programa do Ministério da Educação no Brasil que utiliza as notas do Enem para selecionar candidatos para vagas em instituições públicas de ensino superior.

Prouni: Programa Universidade Para Todos é um programa do governo brasileiro que oferece bolsas de estudo em instituições privadas de ensino superior para estudantes de baixa renda, com base na nota do Enem.

Transferência: é possível ingressar em uma instituição de ensino superior através de transferência, ou seja, ao se transferir de outra instituição de ensino superior. Isso pode ocorrer por diversos motivos, como mudança de cidade ou insatisfação com o curso atual.

No que diz respeito à estrutura, o ensino superior é dividido em diferentes cursos de graduação, pós-graduação e programas de extensão. As instituições de ensino superior oferecem uma variedade de cursos em diferentes áreas do conhecimento, como ciências exatas, humanas, biológicas, saúde, engenharia, entre outras. Cada curso tem sua própria grade curricular, carga horária e requisitos específicos.

A estrutura das instituições de ensino superior também inclui departamentos, laboratórios, bibliotecas, salas de aula, espaços de convivência, administração e áreas de pesquisa. Essas estruturas podem variar de acordo com a instituição e seu nível de investimento em infraestrutura.

O funcionamento do ensino superior envolve aulas teóricas, práticas, trabalhos em grupo, atividades de pesquisa, provas, entre outras formas de avaliação do aprendizado. As instituições também contam com professores, que ministram as disciplinas, e funcionários administrativos que prestam suporte aos estudantes.

Além disso, o ensino superior permite a participação em atividades extracurriculares, como grupos de estudo, eventos acadêmicos, seminários, estágios e intercâmbios, que podem enriquecer a experiência dos estudantes e contribuir para sua formação profissional.

Sendo assim, o ensino superior oferece diversas formas de acesso, como vestibular, Enem, Sisu, Prouni e transferência. Possui uma estrutura que engloba cursos de graduação, pós-graduação e extensão, com infraestrutura variada e funcionamento por meio de aulas, avaliações e atividades complementares.

GESTÃO E COORDENAÇÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS.

Gestão e coordenação de processos educativos envolve o planejamento, organização, monitoramento e avaliação das atividades educacionais.

No contexto de uma instituição de ensino, como uma escola ou universidade, a gestão educacional é responsável por coordenar e administrar os recursos humanos, físicos e financeiros envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Isso inclui a contratação e formação de professores, a definição de currículos e conteúdos programáticos, a alocação de salas de aula e recursos didáticos, a gestão de orçamentos e a tomada de decisões relacionadas aos objetivos educacionais da instituição. Ademais, a gestão educacional também envolve a coordenação de atividades extracurriculares, como eventos, excursões e projetos educacionais, bem como a comunicação com pais, alunos e demais membros da comunidade escolar. É importante destacar que a gestão educacional deve ser pautada pelos princípios da eficiência, eficácia e equidade, buscando atender às necessidades e expectativas de todos os envolvidos no processo educativo.

A coordenação de processos educativos diz respeito à liderança e orientação dos diversos atores envolvidos na educação, como professores, alunos, pais e gestores. O coordenador educacional é responsável por estabelecer diretrizes e metas, promover a articulação entre os diferentes segmentos da comunidade escolar, fornecer suporte pedagógico aos professores, acompanhar o desempenho dos alunos e garantir a qualidade do ensino.

Além disso, a coordenação de processos educativos também implica na reflexão e revisão contínua das práticas pedagógicas, buscando sempre a melhoria da qualidade da educação. Isso envolve a análise dos resultados obtidos, a identificação de desafios e dificuldades dos alunos e a busca por estratégias de intervenção que possibilitem a superação desses obstáculos.

Logo, a gestão e coordenação de processos educativos são fundamentais para garantir a efetividade e a qualidade da educação, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades nos estudantes e contribuindo para sua formação integral.

ELABORAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS.

A elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos são etapas essenciais para garantir o sucesso e a efetividade de qualquer empreendimento ou iniciativa.

A elaboração de um projeto consiste na definição clara dos objetivos a serem alcançados, dos recursos necessários para sua execução e das etapas e atividades a serem realizadas. É nessa fase que se realiza um planejamento detalhado, levando em consideração diversos aspectos como prazos, custos, riscos e impactos ambientais.

Após a elaboração, segue-se o desenvolvimento do projeto, que consiste na implementação das ações planejadas. Nessa etapa, é importante contar com uma equipe qualificada e engajada, além de monitorar de perto o andamento do projeto para garantir que tudo seja executado de acordo com o planejado.

A avaliação do projeto é um processo contínuo que busca verificar se os resultados alcançados estão de acordo com os objetivos estabelecidos. Ela pode ser feita de diferentes formas, como por meio da análise de indicadores de desempenho, da coleta de feedback dos envolvidos ou da realização de auditorias externas. Através da avaliação, é possível identificar possíveis problemas e oportunidades de melhoria, além de embasar a tomada de decisão para ajustes ou continuidade do projeto.

A elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos são atividades interligadas e complementares. Uma boa elaboração é necessária para fornecer uma base sólida para o desenvolvimento, enquanto uma avaliação adequada possibilita o aprendizado e a melhoria contínua dos projetos futuros.

Logo, é importante ressaltar que essas etapas não se aplicam apenas a projetos empresariais, mas também a iniciativas sociais, educacionais, culturais, entre outras. Em qualquer área ou setor, a elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos são fundamentais para garantir a eficiência e a sustentabilidade das ações realizadas.

UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

Trata-se da inserção de tecnologias da informação e comunicação (TIC) nos processos pedagógicos, com o objetivo de aplicar práticas inovadoras para simplificar e potencializar o sistema de ensino e aprendizagem, nas diversas conjunturas de ensino, seja formal ou informal, seja no ambiente escolar ou fora dele.

Impasses

A utilização da TE tem sido extensivamente debatida do meio acadêmico, na sociedade e nas mídias, sendo que as principais discordâncias se referem à atuação do professor e da escola, bem como aos problemas de acesso a esses recursos tecnológicos, sobretudo nas instituições da rede pública de ensino e junto aos estudantes pertencentes às famílias de baixa renda.

Melhorias da TE na educação

- facilitação da comunicação entre a escola, os estudantes e as famílias;
- ampliação do acesso à informação;
- automatização da gestão dos processos educacionais;
- incentivo à troca de conhecimento e experiências;
- melhoria do desempenho dos alunos;
- proporcionar novos meios de interação.

Exemplos de utilização da TE

- Softwares (livros digitais, aplicativos, jogos interativos);
- Dispositivos eletrônicos/gadgets (tablets, mesas educacionais, lousa digital, etc.);
- Plataformas de vídeo, ambientes virtuais de aprendizagem, realidade aumentada, entre outras soluções tecnológicas educacionais.

CURRÍCULO, DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL.

¹Que entendemos pela palavra cultura? Talvez seja útil esclarecermos, inicialmente, como a estamos concebendo, já que seus sentidos têm variado ao longo dos tempos, particularmente no período da transição de formações sociais tradicionais para a modernidade. Acreditamos que tal esclarecimento pode subsidiar a discussão das relações entre currículo e cultura²e³.

O primeiro e mais antigo significado de cultura encontra-se na literatura do século XV, em que a palavra se refere a cultivo da terra, de plantações e de animais. É nesse sentido que entendemos palavras como agricultura, floricultura, suinocultura.

O segundo significado emerge no início do século XVI, ampliando a ideia de cultivo da terra e de animais para a mente humana. Ou seja, passa-se a falar em mente humana cultivada, afirmando-se mesmo que somente alguns indivíduos, grupos ou classes sociais apresentam mentes e maneiras cultivadas e que somente algumas nações apresentam elevado padrão de cultura ou civilização. No século XVIII, consolida-se o caráter classista da ideia de cultura, evidente na ideia de que somente as classes privilegiadas da sociedade europeia atingiriam o nível de refinamento que as caracterizaria como cultas. O sentido de cultura, que ainda hoje a associa às artes, tem suas origens nessa segunda concepção: cultura, tal como as elites a concebem, corresponde ao bem apreciar música, literatura, cinema, teatro, pintura, escultura, filosofia. Será que não encontramos vestígios dessa concepção tanto em alguns de nossos atuais currículos como em textos que se escrevem sobre currículo? Para alguns docentes, o estudo da literatura, por exemplo, ainda tende a se restringir a escritores e livros vistos como clássicos. Para alguns estudiosos da cultura e da educação, os grandes autores, as grandes obras e as grandes ideias deveriam constituir o núcleo central dos currículos de nossas escolas.

Já no século XX, a noção de cultura passa a incluir a cultura popular, hoje penetrada pelos conteúdos dos meios de comunicação de massa. Diferenças e tensões entre os significados de cultura elevada e de cultura popular acentuam-se, levando a um uso do termo cultura que se marca por valorizações e avaliações. Será que algumas de nossas escolas não continuam a fechar suas portas para as manifestações culturais associadas à cultura popular, contribuindo, assim, para que saberes e valores familiares a muitos (as) estudantes sejam desvalorizados e abandonados na entrada da sala de aula? Poderia ser diferente? Como?

Um terceiro sentido da palavra cultura, originado no Iluminismo, a associa a um processo secular geral de desenvolvimento social. Esse significado é comum nas ciências sociais, sugerindo a crença em um processo harmônico de desenvolvimento da humanidade, constituído por etapas claramente definidas, pelo qual todas as sociedades inevitavelmente passam. Tal processo acaba equivalendo, por “coincidência”, aos rumos seguidos pelas sociedades europeias, as únicas a atingirem o grau mais elevado de desenvolvimento.

Há ainda reflexos dessa visão no currículo? Parece-nos que sim. Em alguns cursos de História, por exemplo, as referências se fazem, predominantemente, às histórias dos povos “desenvolvidos”, o que nos aliena dos esforços e dos rumos seguidos na maioria dos países que formam o chamado Terceiro Mundo

Em um quarto sentido, a palavra “culturas” (no plural) corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, geracionais, de gênero etc) e períodos históricos. Trata-se de uma visão antropológica de cultura, em que se enfatizam os significados que os grupos compartilham, ou seja, os conteúdos culturais. Cultura identifica-se, assim, com a forma geral de vida de um dado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo. A expressão dessa concepção, no currículo, poderá evidenciar-se no respeito e no acolhimento das manifestações culturais dos (as) estudantes, por mais desprestigiadas que sejam.

Finalmente, um quinto significado tem tido considerável impacto nas ciências sociais e nas humanidades em geral. Deriva da antropologia social e também se refere a significados compartilhados. Diferentemente da concepção anterior, porém, ressalta a dimensão simbólica, o que a cultura faz, em vez de acentuar o que a cultura é. Nessa mudança, efetua-se um movimento do que para o como. Concebe-se, assim, a cultura como prática social, não como coisa (artes) ou estado de ser (civilização).

Nesse enfoque, coisas e eventos do mundo natural existem, mas não apresentam sentidos intrínsecos: os significados são atribuídos a partir da linguagem. Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo. São os arranjos e as relações envolvidas em um evento que passam, predominantemente, a despertar a atenção dos que analisam a cultura com base nessa quinta perspectiva, passível de ser resumida na ideia de que cultura representa um conjunto de práticas significativas. Não será pertinente considerarmos também o currículo como um conjunto de práticas em que significados são construídos, disputados, rejeitados, compartilhados? Como entender, então, as relações entre currículo e cultura? Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos,

¹ <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>

² BOCK, R. *The cultural formations of modern society*. In: HALL, S. e GIBEN, B. (Orgs.). *Formations of modernity*. Cambridge: Polity Press/The Open University, 1995.

³ CANEN, A. e MOREIRA, A. F. B. *Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente*. In: CANEN, A. e MOREIRA, A. F. B. (Orgs.) *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papirus, 2001.